

O DOMINGO



SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL

Assinatura

Ano. 1\$; semestre. \$50. Pagamento acentado.
Para fóra: Ano. 1\$20; semestre, \$60; aviso. \$02.
Para o Brazil: Ano. 2\$00 (moeda forte).

PROPRIETARIO-DIRETOR—José Augusto Saloio

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA

(Composição e Impressão)

RUA CANDIDO DOS REIS — 126, 2.º

ALDEGALEGA

Publicações

Anuncios, \$04 a linha.

Anuncios na 4.ª pagina, contrato especial. Os autógrafos não se resutuem quer sejam ou não publicados.

ADMINISTRADOR—MANUEL T. PAULADA

EDITOR—HENRIQUE B. TAVARES

Os acontecimentos

A pernicioso politica da violencia vai pondo a descoberto os seus efeitos. A parte outras rebeliões que se têm dado, a dos primeiros dias da semana passada poderia ter feito correr muito sangue no paiz se Lisboa acompanha as sublevações militares do Porto, Penafiel, Coimbra e Evora. Milhares de mortes ter-se-iam dado e isto porque a governar a nação está o arbítrio de mãos dadas com a tirania, a vaidade com a incompetencia. A provocadora intransigencia do poder, considerando os republicanos um perigo que é preciso exterminar a golpes de cavalo-marinho, a tiro e a dinamite, provoca os resultados que se vão vendo e que, não resta dúvida, proseguirão cada vez com mais força, até que, se não se mudar de sistema, teremos Portugal transformado n'uma pequena Russia, para o que já lhe não falta muito. Uma situação assim não póde tolerar-se. Não deve tolerar-se. Se o governo tem vontade de evitar casos idênticos aos que acabam de dar-se em vários pontos do paiz, termine, primeiramente, com o bando armado de milhares de desordeiros a meia libra por dia cada um, abra o Parlamento e oiça e atenda as suas deliberações e reconheça o direito de cidadania a todos os republicanos sinceros e honestos. Apoderar-se de uma casa cujo direito de entrada só é franqueado áqueles que se confessam arrependidos do seu passado, é uma violencia que a ninguém fica bem. Nem ao poder ezigindo-o, nem aos que a tal se submetam. E' tempo de acabar com provocações — salvo se o dezembrismo tomou a si a obrigação de fazer desaparecer do número das nações o velho Portugal!

Em ocasião nenhuma as circunstancias ezigiram

com tanta razão a solidariedade de todos, é certo; mas se, porventura, é criminoso tudo que se tem feito contra um déspota, é certo, também, que muito mais criminoso foi o que se fez em 5 de dezembro de cujos efeitos perniciosos a Republica e a Patria vão sofrendo dia a dia até cairem no abismo de que se aproximaram se não houver uma mão salvadora que lhes acuda. O que para ahi vemos é a Mentira, o Crime, a Traição.

ALDEGALEGA OU ALDEIA-GALEGA?

II

Esta questão da substituição do nome da nossa terra não é nova. No livro «Coisas da Nossa Terra», da autoria do nosso conterraneo José de Sousa Rama, encontramos nós, a páginas setenta e nove, o capítulo intitulado «Em 1881» e onde se lê:

«Em juho d'este ano, um grupo de individuos naturais de Aldeia Galega do Riba-Tejo, mas residentes em Lisboa, convicto de interpretar a opinião dos seus conterraneos mais ilustrados, tornou a iniciativa de promover a mudança do nome d'esta vila, e começou por mandar distribuir profusamente a seguinte proclamação:

Como se chama a nossa terra?

Eis uma pergunta a que não é facil responder... No emtanto todos sabem o nome da terra que os viu nascer, menos nós! A' nossa chamam uns *Aldeia Galega*, outros *Aldeia-Gallega*, outros *Aldegallega*, outros *Aldeia Galega* e ainda outros *Aldeia Galega* do Riba-Tejo!!!

Quem terá razão?

D'onde provém esta infundade de nomes?

Será afinal por não ter nenhum?...

A nossa opinião inclina-se muito a aceitar esta hipóteze como verdadeira. Emfim, vejamos.

Consultando os mais antigos documentos que pu-

demos obter, encontramos todos unânimes na opinião de que este lugar foi primeiramente conhecido por *Alda a Gallega* e, mais tarde, unindo-se os vocábulos, ficou: *Alda-gallega*. Porém, na carta régia em que D. Manuel lhe concede foral (17 de janeiro de 1515), chama-lhe *Aldeia Galega*.

Depois as alterações têm continuado disparatadamente, a ponto de hoje já ninguém se entender. E quem sabe se d'aqui a alguns anos, passando de transformação em transformação, não chegará ainda a nossa terra a adquirir o poético nome de *Arregallega*!...

No que todos estão de acôrdo, é em classifica-la de: «gallega»!

Basta de sarcasmo! Chamar — «gallega» — a uma povoação de sete mil verdadeiros portugueses, parece-nos um evidente absurdo!

E' tempo de arrancarmos esta vila do labirinto de nomes (qual d'elles mais extravagante), em que a indiferença censuravel dos seus filhos a tem envolvido.

Requeiram, pois, todos os nossos conterraneos á Camara Municipal d'este Concelho para que esta illustre e patriótica corporação reclame dos poderes competentes — um nome para a nossa terra.

E, sem nos querermos afastar da tradição, aquele que nos parece mais adequado, mais simples, e que melhor aceite seria por todos, é o da primeira mulher que habitou este sitio: — *ALDA*».

No referido capitulo, d'onde acabámos de fazer, com a devida vénia, a transcrição supra, se noticia que, no mesmo mez foi entregue á Camara Municipal um requerimento, ou antes, um abaixo-assinado, pedindo a interferencia d'esta corporação para que á nossa terra fosse dado o nome de «Alda».

Nunca, no emtanto, esse abaixo assinado conseguiu o seu deferimento segundo

narra o Sr. José de Sousa Rama, por méra imposição do respectivo presidente. E, assim, o brado justissimo d'esse punhado de «aldenses» se perdeu por entre a balbúrdia dos papéis do arquivo municipal e, se, como os nossos dedicados conterraneos de então previam, *Aldegallega* se não chama hoje «Arregallega», mantém, no emtanto, ultrajantemente o seu inaceitavel nome de *Aldeia Galega do Ribatejo*.

P. G.

Comentarios & Noticias

A epidemia

Vai se desenvolvendo assustadoramente n'esta vila a epidemia da gripe-pneumónica, tendo essa doença originado já alguns óbitos. A igiene continúa esquecida e que melhor campo preparará para desenvolvimento da nova doença. Pois a comissão administrativa tem como ás autoridades policiaes compete zelar pela saúde pública evitando immundicies e procurando, n'uma occasião como esta, arranjar uma casa ampla e em condições para a montagem d'um hospital que já devia estar improvisado, prevenido que d'um momento para o outro possa vir a ser preciso. Uma noite d'estas, a farmacia Maneira & Moura, armou em hospital, tão grande foi o número de individuos que ali foram pedir tratamento.

Novos assaltos

Novamente foram assaltados os nossos colegas da capital «O Mundo» e «Republica», serviço certamente encomendado para pacificação... dos desordeiros que em 5 de dezembro tomaram de assalto, também, os cofres do estado para satisfação do estômago, d'uns e da vaidade d'outros. Ao jornal monarchico *O Dia* fez-se um simulacro de assalto na terça feira.

Coisas precisas...

O apêrto de mão e o beijo.

D'A Opinião:

«Emquanto durar a epidemia, está prohibido o apêrto de mão. As mãos, com luvas ou sem-las, apertam durante o dia e a noite centenas de... outras mãos, que por sua vez apertaram também outras tantas centenas. De modo que a nossa mão direita, ao fim da noite, recebem o contacto, directo e indirecto, de milhares de mãos. Não é preciso acentuar o perigo de um tal contacto, que na hora presente significa um vehiculo permanente de todos os contágios. Provisoriamente, devem ficar abolidos os apêrtos de

mãos. Lembrámos a todos os nossos colegas de imprensa este alvitre, que é de simples execução, e cujo alcance higienico nem é preciso frizar. E o que dizemos do apêrto de mão, diremos do beijo entre as senhoras, que dos beijos de amor não falámos, porque seria... tempo perdido».

Estamos absolutamente de acôrdo.

Manuel Tavares Paulada

Tem passado incomodado de saude este nosso querido amigo, administrador d'*O Domingo*, a quem dezejámos ardentemente o mais breve restabelecimento.

Pão n'uma mão...

O sr. major Sidonio, emquanto mandava avisar o povo de que ia ter pão barato, dava-lhe em Santos *peixe espada* de graça. Assim mesmo é que é. Pão n'uma mão e... *peixe espada* no lombo.

Contra os submarinos

Anunciou o sr. director da Repartição de Navegação da Secretaria do Estado do Comercio americana que 46 navios de aço e 54 de madeira, n'uma totalidade de 301:438 toneladas, acabaram de se construir nos estaleiros americanos durante o mez de setembro.

A tonelagem inteira dos navios construídos em setembro é maior do que a totalidade do ano inteiro de 1915.

Durante os primeiros nove mezes do ano de 1918 foram construídos pela «United States Shipping Board» (Comissão governamental dos navios maritimos) 1:357 navios, n'uma totalidade de 1:722:720 toneladas.

O estômago

Terça feira passada, na ocasião que o poder fazia afixar nas paredes um edital dizendo que a ordem estava restabelecida (?) em Portugal, deu-se junto da secretaria das subsistencias, uma sena de pugilato entre o chefe da repartição dos gêneros alimenticios e o da secção dos assucares.

Socaram-se por causa do estômago e é por causa d'esse maldito que, tadq o mundo anda seriamente embaraçado.

Trabalhadores para a America.

Realizou-se um contrato entre o governo e a missão americana para 5:000 trabalhadores portugueses irem cooperar junto das fileiras da grande Republica Norte Americana em trabalhos de ordem varia. O salario é de 1 franco por hora, com 10 horas de trabalho. As horas de trabalho extraordinario são pagas a 1 e meia francos. Os trabalhadores têm, além do salario, direito a casa, agua, luz, medico e medicamentos e pagam 2 francos a meio diarios para comida.

Joaquim N. Sequeira

Particularmente acabámos de receber a tristíssima noticia do falecimento do nosso querido amigo Joaquim Nunes Sequeira, importante e estimado comerciante e proprietario em Leiria. Aquele nosso amigo, concunhado do nosso director, achava-se na sua importante quinta de Frosos, (distrito d'Aveiro) terra da sua naturalidade acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentis filhinhas Ermelinda e Cecilia quando de repente fôra atacado da terrível doença que o vitimou.

A toda a familia do extinto a expressão mais sincera do nosso sentido pesar.

Pensamento

De todos os edificios humanos, o mais frágil é a felicidade.—*Valtour.*

Aos que sofrem

Chamâmos a atenção dos leitores para o anúncio da casa Neto, Natividade & C.^a, publicado adiante, que é de grande interesse para os que sofrem.

ANOTAÇÕES

XXV

Progredindo... em retrocesso

Falando na vida de Julio d' Andrade, aquele nobre portuguez que empregou os recursos da sua boa situação material em popularisar pelos seus concidadãos magníficos volumes de educação moral e social que distribuia gratuitamente, favorecendo também os animais com a construção de marcos fontenários que doou á Sociedade Protectora dos Animais, de Lisboa, o sr. Luiz Leitão diz que esse benemérito doou também á mesma Sociedade e que esta por seu turno cedeu á Camara Municipal de Lisboa, um carro para transportar os animais que por doença ou por morte cáiam na via pública. E com desprazer o nosso amigo constata que esse carro não é utilizado pela Camara. Porquê?—perguntámos nós. Porque em Portugal estas coisas que demonstram progresso andam sempre... em retrocesso.

XXVI

Primeiros indícios

Do sr. Luiz Leitão no seu segundo volume da «Sombra das boas árvores»:

«The Animal Friend inseriu uma vez certo artigo (por nós traduzido em seguida) onde se mostrava que em pequena, indo Florencia Nightingale (aquela corajosa mulher que tantos e tão assinalados serviços prestou quando exercia o cargo de enfermeira na guerra da Criméa), em passeio com o presbítero da paróquia encontraram um cão gravemente ferido em uma perna, cão que ella se apressou a tratar com compressas de agua quente que o seu companheiro de passeio lhe esteva na ocasião ensinando a fazer e que ella depois ensinou por seu turno ao pastor a quem o animal pertencia. O artigo concluia pois por afirmar que o primeiro doente de Nightingale fôra aquele cão, e punha em paralelo a modéstia d'esse pequeno serviço e a magnitude e grandeza dos que ao depois levou a cabo dentro da vocação tão singularmente revelada.»

Prova-se por aqui esta verdade: «que a bondade para com os homens começa pela bondade para com os animais.

XXVII

Mais origens humildes

Livingstone, célebre explorador africano, foi nos seus primeiros tempos um simples tecelão e lia clássicos e livros de viagens enquanto na fábrica vigiava o andamento das máquinas.

J. Fontana da Silveira.

Ex.^{mo} Sr. Administrador do Concelho de Aldegalega do Ribatejo:—Afim de me informar, se o administrador da farmacia do Monte-pio Conceição, tinha cumprido a disposição do n.º 2 do art.º 17 do decreto de 3 de Dezembro de 1868, fui á administração do concelho, e ahí me foi dito que não; mas V. Ex.^a aproveitando a minha presença, me fez constar que em seu poder, tinha uma queixa contra a minha humilde pessoa, como illegítimo possuidor de objectos, pertencentes ao Monte-pio Conceição.

Mostrou-me V. Ex.^a um apontamento que por sinal por vós era escrito, em cujo se relacionava a natureza dos objectos, que deram motivo á queixa, como sejam: receiptuario do Monte-pio o Destino, panos, toalhas, livros de escrituração e mais objectos (sic) ao Monte-pio pertencentes, e, me aconselhou a fazer d'elles a devida entrega, caso fosse eu o seu possuidor. Não me disse V. Ex.^a a entidade e a qualidade de de que o queixoso ia investido, ao formular a sua queixa. Pelo dedo se vê o maledico.

Acha-se V. Ex.^a envolvido n'este caso como Pilatos no credo e com certeza com repugnancia o que lhe faço a devida justiça pela bilontrice do queixoso e eu explico, pela consideração que V. Ex.^a me merece e pela amavel amabilidade de me ter concedido, a que respondesse por escrito sobre a citada queixa, o destino que taes objectos levariam.

O receiptuario do Monte-pio o «Destino» acha-se devidamente entregue, e por mim, a quem de direito, devido ás condições que esse receiptuario era aviado; panos e toalhas, ignoro qual o destino, pois taes objectos, destinavam-se ao expediente, serviço do ajudante da farmacia e consultorio; carimbos acham-se sob o meu poder em número de doze, que são tantos como o numero dos mezes do ano e que serviam para sinetar as quotas; livros de escrituração, estes fiz a devida entrega á comissão que sindicou a causa que deu motivo ao arresto ao Monte-pio, e tanto assim que a dita comissão no seu relatório, diz o que V. Ex.^a poderá examinar no que d'esse relatório veio publicado no semanario «A Razão», d'esta vila no seu numero 127 de 6 de junho do corrente ano, o seguinte: «Dos livros cuja escrituração se achava a cargo do Sr. Brandão apenas se encontrava em dia o livro de descargas de quotas».

Pela queixa se presume, que ha descaminhado algum objecto da associação. Na realidade deve faltar uma urna que se encontra na sede da Associação dos Trabalhadores Ruraes, ignorando presentemente quem para lá a emprestou; uma balança e um frasco grande de boca larga, que um dos atuais directores, que ao tempo também o era, levou da Associação, para logar que elle explicará, pois espero de tal ser dispensado.

Se dos objectos por V. Ex.^a indicados, excepção dos carimbos falta algum, é fatal que foi tirado, para dar motivo á presente queixa, pois só agora, quando ha dez longos mezes eu por fatalidade das coisas não tenho feito á associação o serviço do meu cargo de escripturario nem como socio tenho entrado na sua sede e desde que suas portas foram seladas pela justiça, por diversas mãos tem andado a respectiva chave.

Não se daria o caso de ser o queixoso o descaminhador de algum dos objectos? Pois quem tem feito senas diversas que em devido tempo se tornarão bem públicas habilitado se encontra para comparsa d'esta fita.

Julgo bastantemente respondido a V. Ex.^a sobre o assunto da queixa. O assinatario Sr. Administrador, á face do direito se considera ainda escripturario e socio do citado Monte-pio e sobre a minha pessoa só se pretende sobrecarregar os desleixos administrativos do mesmo. Em illegítimas assembleias gerais, tem sido deliberado contra mim diversas infamias, filhas da mais degradante malvadez, e á face dos decretos de 2 de Outubro de 1896 e 5 de Novembro do mesmo ano e mais direito applicavel vou recorrer d'essas deliberações e das respectivas assembleias e sei.ã) o tenho já feito, motivado ao primeiro secretario da assembleia geral, não ter dado execução á disposição do § 3 do

art.º 22 do citado decreto de 2 de Outubro de 1896, que é remeter-me copias das actas cujas venho a requerer desde o dia 10 do mez de Agosto último.

E, senhor Administrador, peremptoriamente declaro a V. Ex.^a sem o veredictum do Concelho Regional, tribunal onde se debatem todas as questões associativas, não farei entrega dos carimbos ou de outros objectos, que na minha qualidade de escripturario estivessem a meu cargo, a não ser que se empregue o direito da força contra a força do direito.

Com a devida vénia, participo a V. Ex.^a que farei do presente o uso que eu julgar conveniente.

Saude e Fraternidade. Aldegalega do Ribatejo, 12 de Outubro de 1918. O escripturario e socio n.º 150 da 4.ª secção do Monte-pio Nossa Senhora da Conceição. José Ribeiro Brandão.

ANUNCIOS

ANUNCIO

Comarca de Aldegalega do Ribatejo

(2.ª publicação)

Faz-se saber que no dia vinte do corrente mez, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca de Aldeia Galega do Ribatejo, se ha de proceder á arrematação em hasta pública do predio abaixo descrito, que vai á praça pela terceira vez e sem valor, e foi penhorado na execução por custas e selos que o Ministerio Público n'esta comarca move contra Maria Emilia Saltão e marido José d'Almeida, Joaquina Saltão, Izabel Saltão, José Saltão, João Saltão e Francisco Saltão, solteiros, menores, representados por seu pai Joaquim Maria Saltão, todos moradores na vila de Canha, d'esta comarca, para pagamento da quantia de trinta e sete escudos e oitenta e seis centavos, importancia das custas e selos que ao mesmo pertenceu pagar no inventario orfanologico a que n'este Juizo se procedeu, por obito de José Diniz; viuvo, morador que foi na referida vila de Canha, e bem assim para pagamento das mais custas e selos que afinal se liquidarem.

PREDIO A VENDER

Um predio urbano, sito na Praca da Republica, da vila e freguezia de Canha, d'esta comarca, que vai á praça sem valor e é livre e aludial. Pelo presente anuncio são citados quaesquer credores incertos, afim de deduzirem os seus direitos.

Aldeia Galega do Ribatejo 8 de Outubro de 1918.

Verifiquei a ezatidão;

O Juiz de Direito

Rocha Aguiam.

O escripturario do 1.º officio Alvaro Godinho dos Reis Cardoso.

A UNIÃO LISBONENSE
J. Rodrigues, L.^{da}

Amplio e bem sortido estabelecimento de Modas, fanqueiro, rouparia e muitos outros artigos.

Preços sem competencia e ao alcance de todos

O seu proprietario pede uma visita á

41, R. DA PRAÇA DA FIGUEIRA, 42

LISBOA

Recebe encomendas de todos os artigos.

GRATIS

899

Envia-se gratuitamente a quem o requisitar, afim de poder dirigir o seu tratamento, racionalmente, o livro da «Biblioteca de Propaganda de Conhecimentos Medicos»:

BLÉNORRAGIA

Suas complicações e tratamento

Para se ajuizar da importancia d'este livro, anunciámos os capitulos em que está dividido:

A Blenorragia—Historia—A Blenorragia do homem—Blenorragia aguda—Complicações da Blenorragia aguda—Inflamações dos corpos cavernosos e do tecido periurethral—Inflamações dos ganglios linfaticos—Inflamação da mucosa vesical; cistite blenorragica—Inflamação do canal deferente e da epididimo; orchite—Inflamação das glandulas de Cowper e da prostata—Prostatite aguda—Blenorragia chronica—Prostatite chronica—Espermatorrhéa e impotencia—Aperios de urethra—A Blenorragia na mulher e as suas complicações—Vulvite—Vaginite aguda—Urethrite—A Blenorragia do recto—Conjunctivite blenorragica—A Blenorragia, doença geral—Rheumatismo blenorragico—Papilloma blenorragico ou esponjas—Tratamentos—Complicações cerebraes e medulares da Blenorragia—Nevrites—Neuroses psychoses de origem blenorragica—Pleurisia blenorragica—Complicações do aparelho cardio-vascular—Anatomia—Orgãos genito urinarios do homem—Orgãos genito urinarios da mulher.

Esta obra é ilustrada com numerosas gravuras.

A SYPHILIS

São tantas e tão variadas as suas manifestações, os tratamentos são tão diferentes, em conformidade com as respectivas manifestações, que julgamos imprudente aconselhar-nos um processo de cura, ou enviarmos aos doentes um livro com as regras de tratamento, que poderia ser mal interpretado e levar a erros, tão funestos, como tantas vezes tem succedido, quando os doentes fazem um tratamento empirico aconselhado em qualquer anuncio de jornal e que é sempre o mesmo para todos os casos. Afim de se puder fazer um tratamento racional, aconselhamos os doentes a enviar-nos uma consulta detalhada, á qual será dada resposta por um distincto especialista de doenças syphiliticas.

A IMPOTENCIA

São tantos os reclames a maravilhosos medicamentos que a curam que tem decabido a crença no tratamento da fraqueza genital. E' claro que ha casos incuraveis, quasi sempre casos de senilidade, em que a medicina nada pôde já fazer. Mas na grande maioria dos casos, pôde tratar-se a impotencia, por um tratamento racional, que não prejudica o organismo; este tratamento é um pouco demorado mas de seguros efeitos. E' o tratamento opotherapico, descoberto por Brown Sequard, o unico que a classe medica aconselha para estes casos. Os doentes que necessitem do tratamento podem fazer a sua consulta, a qual será respondido por um distincto clinico da capital, guardando-se o mais absoluto sigilo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

Neto, Natividade & C.^a L.^{da}

122—Rocio—LISBOA